



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE  
JOAQUIM VENÂNCIO

**Vinícius Araújo Machado**

**A INSERÇÃO DE JOVENS DO SEXO MASCULINO RESIDENTES EM FAVELAS NO  
NARCOTRÁFICO DE DROGAS: um estudo de caso no Território de Manguinhos  
(RJ)**

**Rio de Janeiro**

**2019**

**Vinícius Araújo Machado**

**A INSERÇÃO DE JOVENS RESIDENTES EM FAVELAS NO NARCOTRÁFICO: um  
estudo de caso no Território de Manguinhos (RJ)**

**Monografia apresentado à Escola Politécnica de  
Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo  
Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial  
para aprovação no Curso Técnico em Gerência  
em Saúde.**

**Orientador: Marcello de Moura Coutinho.**

**Rio de Janeiro**

**2019**

## **RESUMO**

**O estudo aborda a temática da inserção de jovens do sexo masculino residentes em favelas no narcotráfico no Território de Manguinhos (RJ). Objetiva-se compreender as razões motivadoras dessa inserção. A abordagem adotada é qualitativa e contará com revisão de literatura, buscando nas bases de dados Lilacs, Scielo e Google Acadêmico, bem como um trabalho de campo exploratório que realizado por meio da realização de 4 (quatro) entrevistas semiestruturadas com educandos da Educação de Jovens e Adultos de Manguinhos, vinculada à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio.**

**Palavras-chave: Jovens; Narcotráfico; Território de Manguinhos.**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>01</b>
<b>CAPÍTULO I – DISCUSSÃO DO OBJETO.....</b>	<b>06</b>
<b>CAPÍTULO II – NOTAS METODOLÓGICAS.....</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO III – ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....</b>	<b>17</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>21</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>23</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>25</b>
<b>Anexo 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Entrevistas com educandos da EJA Manguinhos (EPSJV – FIOCRUZ) (EPSJV – FIOCRUZ).....</b>	<b>23</b>
<b>Anexo 2 – Roteiro de Entrevista para educandos da EJA Manguinhos (EPSJV – FIOCRUZ).....</b>	<b>27</b>

*“O homem não é nada além daquilo que a educação faz dele.”*  
**(Immanuel Kant)**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos que me ajudaram na realização desse trabalho, como minha namorada Mariana Leão e também meus amigos, e especialmente ao meu orientador Marcello Coutinho.

Agradeço também ao Programa de Iniciação Científica da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio que me propiciou o auxílio por meio de uma bolsa de pesquisa, bem como contribuiu para a execução deste estudo.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda discussões acerca de um grande problema social na cidade do Rio de Janeiro, mais especificamente no Território de Manguinhos (RJ). Nota-se que jovens residentes em favelas podem ser atraídos pelo narcotráfico, pois alguns veem no crime organizado uma oportunidade de ganhar prestígio social, dinheiro, notoriedade, bem como ostentar “poder” e “luxo”. Esta tentativa de ascensão na sociedade, embora seja uma vida de alta exposição à violência armada, é um dos caminhos mais utilizados para obter ganho financeiro, visto que os jovens de baixa renda inseridos no narcotráfico não contam com oportunidades de trabalho e condições de vida adequadas.

Primeiramente, cabe destacar que, a percepção social do senso comum é a de que muitos jovens residentes em favela não estão preocupados em se tornarem “cidadãos dignos”, “corretos”, estudarem e melhorarem de vida gradualmente, desejando obter “tudo muito fácil e rapidamente”. Porém, a partir da análise de documentários como: “Falcões – Meninos do Tráfico.” e “Notícias de uma guerra particular.”, vemos que a realidade é diferente do que pensam os demais.

Este desejo citado acima poderia corresponder às possíveis motivações para a inserção no narcotráfico, que proporcionaria uma “vida de facilidades”. Todavia, uma ponderação importante a respeito é a de que nascendo em uma favela, onde a desigualdade social se apresenta “nua” e “crua” seria mais difícil para um jovem favelizado manter-se afastado do narcotráfico.

Sendo assim, vemos que o contexto de violações e negação de direitos em favelas está refletido na ausência ou ineficiência de políticas públicas, principalmente no tocante à educação, saúde, saneamento, trabalho e habitação. Questiona-se, então, se o Estado atua adequadamente nos espaços favelizados e se realmente reconhece a favela como parte do “seu” território. Visto que, ao se afirmar na paisagem urbana, a favela se torna um fenômeno em questão para a sociedade, exigindo o desvelamento de seu sentido social, político e territorial (BARBOSA, 1990). E a partir da Constituição Federal, em seu artigo 5º, todos são iguais perante a lei. Assim, infere-se que o Estado não vem cumprindo seu papel no tocante aos territórios favelizados do Rio de Janeiro.

O Estado muitas vezes é percebido nas favelas do Rio de Janeiro, como no caso do Território em destaque no trabalho, Manguinhos (RJ), pelo seu “braço armado”, ou seja, a

Polícia Militar<sup>1</sup>, o que é motivado pela “política de guerra às drogas” vivenciada cotidianamente em favelas e periferias. O confronto entre a Polícia Militar e o narcotráfico é constante, sendo que esse fato não tem mudado o cenário carioca de (in)segurança pública, assim estimulando, os dois lados a se armarem ainda mais.

Os dois “exércitos”, do narcotráfico e da Polícia Militar, acabam sendo compostos em sua maioria, por jovens negros e pobres. Percebe-se, portanto, que a “política de guerra às drogas<sup>2</sup>” é uma política genocida, ou seja, de extermínio da população negra e pobre. Nesse sentido, é possível afirmar que, o conceito de Racismo de Estado, de Michael Foucault, está presente nessa política. A atuação do Estado obedece a uma lógica racista de extermínio, já que grande parte da população de favelas é negra. O que está refletido no Atlas da Violência de 2019, o qual mostra que 75% das vítimas de assassinato em 2017 (ano de referência dos dados) é de negros.

Verifica-se na atuação de um Estado neoliberal como o brasileiro, o aprofundamento da “política de guerra às drogas” que visa concretamente garantir a gestão e controle de territórios favelizados por parte do Estado, como apontado por Hélio Luz, quando entrevistado no documentário: “Notícias de uma guerra particular”, dirigido por João Moreira Salles e Kátia Lund.

Ao pensar sobre a relação entre as favelas e o narcotráfico, com vistas à emergência da “máquina de guerra” no cotidiano carioca, Rocha e Filho definem favela desta forma:

Favelas são fronteiras mais simbólicas que geográficas, sobre as quais a parte mais amedrontada do senso comum e alguns atores políticos proeminentes supõem que toda atividade social seja baseada pelo ilícito, pelo avesso do direito em seu sentido amplo. Essa suposta distância em relação à participação em um pacto coletivo de civilidade faz parecer a formuladores de políticas ou indivíduos envolvidos no policiamento direto que a favela é um território que deve ser colonizado preventivamente, sobretudo tendo em vista sua periculosidade, ou, pelo mesmo motivo, combatido em um guerra em que

---

1 A Polícia Militar do Rio de Janeiro (PMERJ) foi criada em 14 de abril de 1809, com o nome de Guarda Policial da Província do Rio de Janeiro. Seu brasão expressa a quem a PMERJ serve desde a sua origem. As duas plantas representam um pé de cana-de-açúcar e um pé de café e, no centro estão duas armas de fogo. Fica claro então, que o objetivo desta corporação é defender a burguesia.

2 O termo “Política de Guerra às Drogas” foi veiculado e difundido pelo então presidente dos Estados Unidos da América, Richard Nixon em 1971, tendo significado desde essa época, uma estratégia governamental de segregação e extermínio da população afroamericana residente em áreas periféricas, entendida neste contexto como “marginal”. Observa-se contemporaneamente, a permanência desta “política” para além das fronteiras estadunidenses, inclusive no Brasil.

humanidade e os direitos humanos e civis são nocivos ao interesse público (2009, p. 457).

Nesse sentido, a última grande investida do governo estadual do Rio de Janeiro foi o projeto de Unidades de Polícia Pacificadora (UPP), mas que acabou sendo ineficaz por conta da corrupção e das próprias limitações de seu escopo (RAMOS, 2011). Todavia, parecia a princípio muito boa, a ideia de uma política para resolver a questão do narcotráfico.

O processo de implantação das UPP seguiu o interesse da especulação imobiliária associado ao interesse dos governos municipal e estadual, no sentido de valorizar (revitalizar) áreas tomadas pelo narcotráfico e, em particular restringir a atuação do Comando Vermelho (CV)<sup>3</sup>, abrindo espaço no “mercado das drogas” para facções rivais, Terceiro Comando (TC)<sup>4</sup> e Amigos dos Amigos (ADA)<sup>5</sup>. Pretendeu-se ainda, criar uma sensação de segurança que produzisse por sua vez, um ambiente favorável para os negócios, com vistas à realização da Copa do Mundo (2014) e Olimpíadas (2016), no município do Rio de Janeiro.

Entretanto, a investida do governo não obteve êxito a longo prazo, pois a corrupção nos processos de pacificação foi extrema. Segundo pesquisa do jornal *Extra*, a PM do Rio de Janeiro é considerada a mais corrupta do país, com 30,2% de casos de extorsão, o que acabou acarretando a ineficácia das UPP. Cabe-se destacar, que em vez de aniquilar o narcotráfico, as UPP vêm contribuindo para mantê-lo mais forte. No âmbito da

---

3 Comando Vermelho é o nome de uma organização criminosa que age no Rio de Janeiro. Foi criada em 1979, na prisão Cândido Mendes, na Ilha Grande, Rio de Janeiro, como um conjunto de presos comuns e presos políticos membros da Falange Vermelha, que lutaram contra a ditadura militar. Durante toda a década de 1990, o Comando Vermelho se tornou uma das organizações criminosas mais poderosas do Rio de Janeiro, mas atualmente, a maioria de seus líderes está presa ou morta.

4 O Terceiro Comando é uma facção criminosa carioca, surgida como contraponto ao Comando Vermelho depois de 1994. Ao contrário da facção rival, os detalhes de sua criação ainda são obscuros, mas acredita-se que tenha surgido a partir da Falange Jacaré, que se opunha ao CV já nos anos oitenta. Outros consideram que o TC surgiu de uma dissidência do Comando Vermelho e por policiais que passaram para o lado do crime, como o traficante Zaca, que foi policial militar e disputou sangrenta guerra com o traficante Marcinho VP no morro Dona Marta na zona Sul do Rio de Janeiro. O TC passou a dominar pontos de venda a partir das zonas Oeste e Norte, áreas mais periféricas da cidade do Rio de Janeiro.

5 A facção ADA surgiu dentro dos presídios do Rio de Janeiro, entre 1994 a 1998, logo se aliando ao Terceiro Comando, para diminuir o poderio do Comando Vermelho. Seu fundador, Ernaldo Pinto de Medeiros, o Uê, foi expulso do Comando Vermelho após matar o então líder da facção, Orlando Jogador. Na cadeia, se uniu a Celso Luís Rodrigues, o Celsinho da Vila Vintém e a José Carlos dos Reis Encina, o Escadinha.

perspectiva marxista é possível afirmar que nada escapa ao econômico, lógica na qual o narcotráfico está inserido.

Neste sentido, é possível observar o que para alguns especialistas em segurança pública vivemos um “narcoestado”, no qual cúpulas governamentais dão proteção a atividades de grupos poderosos do narcotráfico.

Contudo, a questão a ser enfrentada não é o narcotráfico em si, mas sim o que está por trás dele. O ciclo de problema é gigante se for pensar em tudo o que envolve o sistema capitalista.

E, no Território de Manguinhos, escolhido como lócus do projeto (estudo de caso), não foi diferente, a base operacional da UPP foi retirada recentemente pelo governo estadual, porém já estava em decadência há cerca de dois anos, por não ter logrado êxito pretendido inicialmente. Este Território é considerado um bairro carioca. Em 2000, Manguinhos tinha população de 31.059, sendo que 22.475 moravam nas áreas de favela, população maior que a da cidade de Arraial do Cabo (RJ), por exemplo. O que prejudica em muito, o controle do tráfico pelo Estado (IBGE, 2000). Já a reportagem do jornal O Globo (*on line*) de 2012 – **“Jacarezinho e Manguinhos estão entre os piores IDH do Rio: Comunidades ocupadas neste domingo têm índices de renda e coleta de lixo precários”** aponta que Manguinhos como Jacarezinho são áreas pauperizadas e vulnerabilidades, ficando à mercê de ações de forte repressão policial, reforçando a perspectiva de “política de guerra às drogas”, violação e negação de direitos, conforme o trecho da reportagem destacado abaixo.

Dados do Censo de 2010, divulgados pelo Instituto de Geografia e Estatística (IBGE), revelam que as comunidades ocupadas neste domingo amargam posições incômodas no ranking de renda. No Jacarezinho, o valor do rendimento mensal das pessoas de 10 anos ou mais é de R\$ 411,25, em média. Em Manguinhos, é de R\$ 424,26. Ocupam a quarta e a sétima piores colocações entre 160 bairros da capital fluminense.

Desse modo, pensar na situação dessas pessoas que passam por dificuldades em sua vida, sem o auxílio do Estado é imprescindível na sociedade em que vivemos. Para os jovens negros e pobres residentes em favelas é angustiante não ter uma forma de sustento, o que faz alguns deles optarem para uma alternativa de geração de trabalho e renda ilícita. Vale ressaltar, que compreender as motivações que levam jovens a buscarem a inserção

no narcotráfico passa também por analisar dialeticamente, porque a maioria destes não faz esta opção.

A partir deste contexto, o estudo pretendeu abordar a temática da inserção de jovens do sexo masculino residentes em favelas no narcotráfico no Território de Manguinhos (RJ), tendo como objetivo geral apontar possíveis motivações relativas à inserção de jovens do sexo masculino residentes em favelas no narcotráfico.

Entende-se que o presente projeto de pesquisa poderá contribuir na compreensão das motivações da inserção de jovens do sexo masculino residentes em favelas no narcotráfico.

A motivação para pesquisar o tema em questão se deu por conta da mudança de percepção acerca das questões da violência armada, em particular da inserção de jovens do sexo masculino residentes em favelas no narcotráfico. Esta mudança foi provocada pelo processo formativo politécnico que vem sendo vivenciado pelo autor, no âmbito do Curso Técnico de Nível Médio em Gerência em Saúde.

Outro foco importante é a tentativa de compreender a inserção dos jovens do sexo masculino residentes em favelas no narcotráfico como um problema social, procurando contribuir de alguma forma no seu enfrentamento. A percepção anterior à formação politécnica era a seguinte: *“Bandido bom é bandido morto!”*. Pretendeu-se, portanto, mudar a referida percepção acerca do tema.

Outro motivo importante para esta questão é o consumo precoce de drogas. Isto porque, muita das vezes, a droga ganha o espaço doméstico, desestruturando ainda mais os “projetos de vida” individuais e familiares.

No **Capítulo I** será feita a discussão do objeto e, no **Capítulo II** será apresentado o percurso metodológico do estudo, bem como a análise das entrevistas realizadas com 4 (quatro) estudantes da Educação de Jovens e Adultos da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV) e, residentes no Território de Manguinhos. Por fim, conclui-se que o estudo poderá contribuir para a compreensão das motivações da inserção dos jovens do sexo masculino no narcotráfico em territórios favelizados e de periferia.

## **CAPÍTULO I – DISCUSSÃO DO OBJETO**

De acordo com estudos realizados por Minayo et al. (1998), podemos constatar que a violência, não é uma prerrogativa apenas de jovens pobres. Práticas de caráter violento são igualmente realizadas por uma parte de jovens de classe média e alta, contrariando a perspectiva do senso comum.

As dificuldades materiais, familiares e afetivas geram estereótipos que acarretam preconceitos contra a grande parcela de jovens de baixa renda residentes em territórios favelizados.

Nesse sentido, é possível entender os processos sociais em que os jovens estão envolvidos, tendo como base as suas precárias condições de vida. Portanto, é preciso compreender inicialmente, o contexto em que estes jovens estão inseridos, sem desconsiderar os aspectos econômicos, políticos e sociais a respeito.

Há diversas formas de expressão de valores de um jovem, advindos da compreensão de sua história, da tradição familiar, da cultura empregada em seu cotidiano, entre outros. Tudo isso constrói o jovem que posteriormente se tornará adulto e cidadão.

Em concordância com Minayo (op. cit.), a violência é um conceito polissêmico, controverso e complexo. Não obstante, atribui-se ao conceito, manifestações da exacerbação de conflitos sociais, cujas especificidades necessitam ser apreendidas. Assim, conceitualmente é possível enxergar dois lados, um limitante dos direitos e outro, um grito de expressão dos oprimidos. Portanto, a violência é pluricausal, ou seja, há várias maneiras de interpretá-la.

No Rio de Janeiro, a magnitude da violência social é extremamente alta. Há um grande crescimento de taxas de homicídios entre adolescentes ao longo das últimas décadas. Não por acaso, e por consequência da alta desigualdade social, as principais vítimas dessa violência são jovens de baixa escolaridade e qualificação profissional.

A partir disso, é correto dizer que a baixa qualidade da Educação no Rio de Janeiro é uma das principais causas da exclusão de determinados grupos sociais. Por outro lado, o processo de buscar por armamento foi se intensificado na década de 1980, a fim de garantir a proteção patrimonial contra as iniciativas ineficazes do governo estadual (SOUZA, ASSIS e SILVA, 1997).

É possível compreender a origem de tantos pré-conceitos e pré-julgamentos sobre os

jovens “violentos” e residentes em áreas marginalizadas, pelo fato de agirem em conflito com a lei. Porém, é preciso entender que são “lançados” a essa estrutura marginal ao nasceram, sendo induzidos a “oportunidades” que por vezes não desejam.

Entende-se que é preciso discutir o conceito de cidadania, pois é necessário destacar os contrastes entre condições de vida consideradas dignas e socialmente justas e a real experiência de ausência de direitos, vivida pelos jovens cariocas residentes em favelas. Por cidadania, entende-se a igualdade de direitos e deveres que o cidadão deve ter na sociedade. O Estado seria o garantidor, por meio de sua instituição em uma sociedade democrática.

Contudo, podemos inferir que no Rio de Janeiro, não há universalidade dos direitos sociais. E essa situação conversa com a questão da desigualdade social e a violência sofrida por jovens pobres e negros. É preciso que o Estado implemente políticas sociais efetivas que possam reverter este quadro social.

O Brasil apresenta uma das piores distribuições de rendas, e por isso conta com uma profunda desigualdade social sendo as crianças, adolescentes e jovens, as maiores vítimas. Com isso, o jovem acaba não trabalhando e nem estudando, se inserindo, por falta de opção, ou pelas “facilidades” oferecidas, no narcotráfico e/ou consumindo drogas.

Outro aspecto importante é a mídia que apresenta a todos uma visão do “jovem ideal”, com atributos de beleza, saúde e felicidade. Não surpreende que esses jovens pertençam às camadas privilegiadas. No entanto, a juventude negra e pobre é representada na mídia, principalmente, em abordagem ligadas a sua criminalização.

Dessa forma, é criado um estereótipo acerca dos jovens favelizados. Entretanto, é possível perceber uma mudança desse cenário com a mídia alternativa mostrando uma visão mais complexa desses jovens, como por exemplo, os sites Geledés e Almapreta.com e, os portais de notícia Rede Brasil Atual e Brasil de Fato. Com isso, é possível inferir que a indução da mídia é formadora de opinião na sociedade.

Nesse contexto, entende-se que as drogas e tudo que a envolve foi desde o princípio da sociedade uma forma de fugir da realidade social. Destaca-se que desde o início da humanidade a utilização de drogas já estava presente para fins religiosos, terapêuticos ou até alimentícios. A grande questão é a surpreendente proporção que o narcotráfico

alcançou nas últimas décadas e sua importância no cenário socioeconômico mundial.

Contemporaneamente, as drogas em geral estão associadas a uma percepção de destruição do ser humano. Não obstante, houve a necessidade comercial de combatê-la militarmente e mantê-la sobre controle, principalmente em países pertencentes à América Latina e África, sendo a intransigência para com outras culturas, um agravante neste processo.

Produziu-se então, uma economia voltada para o combate aos crimes desse âmbito, gerando empregos e impulsionando o crescimento de setores da economia como o de segurança e armamento, que pode ser chamada de legal. Em contraponto, foi gerada também a economia ilegal, estimulada por leis que impuseram proibições a práticas ligadas ao consumo e comercialização de drogas.

O surgimento do ilegal ou ilícito da economia possui relação direta com a dinâmica da política mundial. A propagação do neoliberalismo gerou modificações no mercado de trabalho, aumentando assim o número de pessoas desempregadas ou precariamente empregadas. Este processo de “globalização” induziu à expansão da considerada indústria ilegal, a partir do pensamento que o mercado ilegal surgiu como resposta à marginalidade econômica.

Tornou-se então propício, o crescimento em grande proporção do narcotráfico, a partir da desvinculação do sistema financeiro da base de material de produção, se inserindo assim na economia mundial global. Tendo em vista a imensa procura por drogas, esse mercado ilegal gera e assegura um rendimento altíssimo de acúmulo de capitais, assim fazendo com que o tráfico de drogas seja o segundo grande negócio mundial, atrás apenas do mercado de armas.

Destacam-se algumas características básicas provenientes do narcotráfico, quais sejam: a manutenção de redes internacionais para o escoamento de produto ilegal; a conquista de territórios (áreas de influência); a confecção de códigos de conduta intragrupo em organizações hierárquicas; a solução frequentemente violenta de disputas; a influência no aparato repressivo estatal, e, em outras instâncias de governo, será imprescindível para o crescimento do narcotráfico.

Nesse contexto globalizado, o índice de desemprego é elevado, as relações de trabalho tornam-se inconstantes, a tecnologia avança e com isso os Estados-Nação são

cada vez mais enfraquecidos, no contexto da desregulação que atravessa todos os espaços da sociedade, aumentando a proliferação e a permanência do crime global. Em locais onde o Estado é omissivo, muitas vezes o narcotráfico atua como o “legislador”, tendo controle total sob o território e protegendo-o contra outras ameaças. Assim, é construída a “cultura de drogas”, na qual as políticas públicas visam atender aos interesses do mercado, e atender às exigências da sociedade civil.

Os narcotraficantes e o Estado possuem relações bem definidas, estabelecidas pela cooperação e pelo confronto, ou seja, o legal e ilegal sempre caminharam juntos, aprendendo um com o outro, e frequentemente se retroalimentando, afirma Oliveira (2003).

Entendemos a partir de Feffermann (2013, p. 56) que, os narcotraficantes são como: “empresários de um setor econômico ilegal que buscam acumular capital, reinvestir parte dos lucros, conquistar mercados, e diversificar investimentos, mesmo considerando todas as particularidades impostas por tal situação jurídica.”.

É sabido que o narcotráfico é um fenômeno presente em todas as partes do globo, mas mantendo suas particularidades locais. Sendo assim, é de extrema importância que seja estudado o contexto local de inserção social e da organização do comércio, para que seja possível entender a situação geral que engloba este fenômeno.

No Brasil, a desigualdade socioeconômica é um traço muito marcante. Diante disso, destaca-se a questão da afronta às leis e autoridades, por meio de situações de violências e transgressões, realizadas por uma parcela desfavorecida da sociedade. Essa afronta aparece como uma questão tanto de resistência à ideologia dominante, quanto de reforço à política de comércio de drogas.

Na sociedade, o consumo de droga torna-se ilícito a partir de uma perspectiva moral onde o preconceito está impregnado por jogos de interesses econômicos.

Entende-se que a questão do consumo de drogas é um problema de saúde pública, pois a dependência química é reconhecida pela OMS (Organização Mundial de Saúde) e as consequências derivadas de sua propagação geram violência no âmbito familiar e à formação de facções criminosas.

É curioso pensar em uma sociedade onde o consumo de drogas não fosse ilegal, talvez não existisse uma economia paralela. Porém, é necessário de um Estado eficaz, que

regule fortemente o plantio, a comercialização e o consumo de drogas, a fim de não gerar consequências indesejáveis, tal como foi efeito no Uruguai no caso da maconha.

Não obstante, no Brasil há um contexto de violência armada, causada pelos mecanismos de dominação presentes. O medo permeia as relações e a lei do silêncio se mantém viva, em locais que parecem ser esquecidos pelo Estado. Nesse cenário, o crescimento das regiões de comércio e de consumo de drogas torna-se quase inevitável.

Percebe-se que o narcotráfico é tratado pelo Estado apenas como um problema de segurança pública, mas na verdade seria um problema de saúde pública também, como visto anteriormente.

O sistema econômico do narcotráfico no Brasil é relacionado intrinsecamente ao “jogo do bicho”, contrabando, roubos e desmanche de carros. Por sua vez, estas atividades ilícitas estão ligadas ao comércio exterior e interior, gerando um “esquema” de lavagem de dinheiro junto à evasão fiscal e emissões clandestinas.

O modo de produção do narcotráfico é bem estabelecido na sociedade, como uma “indústria” comum. E como em todo jogo econômico, o capital coloca o homem como uma das principais mercadorias do sistema, assim transformando o trabalhador em máquinas. Entende-se o narcotráfico como uma “indústria” ilícita que “emprega” em sua maioria, jovens do sexo masculino de territórios favelizados e periferias.

Com desemprego em alta, a partir do neoliberalismo, o ingresso de jovens sem oportunidade no mundo do trabalho legal tornou-se difícil. Com isso, o “emprego” desses jovens no narcotráfico cresceu no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro. Vale destacar, que a lógica do narcotráfico é capitalista, ou seja, em todas as etapas de produção, os trabalhadores são explorados.

No âmbito da lógica capitalista de maximização da exploração da força de trabalho, o trabalhador no narcotráfico está submetido a um intenso desgaste físico e mental, o que gera adoecimento, vide os confrontos recorrentes com a polícia e facções rivais, o que representa, inclusive, uma das partes principais das tarefas deste “trabalho de soldado” ou de “falcão”.

Na pesquisa feita por Feffermann (2003, p. 57): “considera-se o tráfico como forma de organização denominada de ‘trabalho’, informal e ilegal, que emprega grande número de jovens na sua estrutura.”.

Por fim, é possível afirmar que em um contexto de desigualdade social extrema, é fantasioso pensar que meras punições penais, podem intimidar jovens de grupos sociais vulnerabilizados, a partir do imenso desemprego, a ingressarem em um sistema ilegal, no qual a possibilidade de ganho econômico seja excessivamente maior que no sistema legal, o que mostra novamente a insuficiência do modelo racista e repressor do Estado.

Pensando sobre o sistema econômico do narcotráfico no Brasil, mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro, vale ressaltar a importância da discussão sobre o conceito de território e sua relação com o poder. Isto, pode colaborar para o entendimento dessa ‘empresa ilegal’, que emprega diversos jovens residentes em favelas, e também é uma forma de entender o sentido que está por trás dessa “guerra civil” diária na cidade.

De acordo com a filósofa alemã Hannah Arendt, a guerra e a violência em geral são causadas pela perda de poder, e também por perda de territórios.

(...) toda diminuição de poder é um convite à violência – quando pouco porque aqueles que detêm o poder e sentem escorregar por entre as mãos, sejam eles o governo ou os governadores, encontram sempre dificuldades em resistir à tentação de substituí-lo pela violência (ARENDR, 1985, p.49).

Sendo assim, infere-se que, o governo estadual do Rio de Janeiro tem o seu poder dentro de favelas limitado, criando-se assim uma guerra com os “donos” dos territórios das favelas.

Na visão do professor de Geografia da UFRJ, Marcelo José Lopes de Souza, o território é essencialmente um instrumento de exercício de poder, o mesmo faz o seguinte questionamento: “*Quem domina ou influencia quem nesse espaço, e como?*”. Por isto, é imprescindível tratar do conceito de poder em si, para ser possível realizar a discussão sobre território.

É possível constatar que, na sociedade há superposições entre noções ou conceitos de poder, violência, dominação, autoridade e competência (MALUSCKE apud SOUZA, 2011). Isto tanto na linguagem habitual, como nas teorias políticas. Essas superposições – e confusões – foram bastante lamentadas por Hannah Arendt (1985, p.23). Segundo Arendt há,

por trás da confusão aparente e a cuja luz todas as distinções seriam, na melhor das hipóteses, de pequena importância, a convicção de que a questão política mais crucial é, e sempre foi, a questão de: Quem governa quem?

Poder, força, autoridade, violência – nada mais são do que palavras a indicar os meios pelos quais o homem governa o homem; são elas consideradas sinônimos por terem a mesma função. É apenas depois que se cessa de reduzir as questões públicas ao problema da dominação, que as informações originais na esfera dos problemas humanos deverão aparecer, ou antes reaparecer, em sua genuína diversidade (ARENDDT, 1985, p.23-4).

Sobre o poder, assim sintetizou Hannah Arendt o seu conceito:

O ‘poder’ corresponde à habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em comum acordo. Este jamais é propriedade de um indivíduo, pertence a um grupo e existe apenas enquanto o grupo se mantiver unido. Quando dizemos que alguém está ‘no poder’ estamos na realidade nos referindo ao fato de encontrar-se esta pessoa investida de poder, por certo número de pessoas, para atuar em seu nome. No momento em que o grupo - de onde se originara o poder - desaparece, desaparece também o seu poder (ARENDDT, 1985, p.24).

A conceituação acima é de extrema relevância para o trabalho, pois o entendimento da forma que o Estado lida com as favelas cariocas, como Manguinhos, é explicada no pensamento da filósofa alemã. Para Arendt, “o domínio através da violência pura vem à baila quando o poder está em vias de ser perdido”, ou seja, o poder legítimo do Estado confunde-se com a violência presente nas favelas, pois o Estado perdeu o controle desses espaços. Assim Hannah Arendt é precisa ao afirmar:

(...) politicamente falando, é insuficiente dizer não serem o poder e a violência a mesma coisa. O poder e a violência se opõem: onde um domina de forma absoluta, o outro está ausente (ARENDDT, 1985, p.30).

A afirmação acima auxilia no entendimento sobre o motivo da ocorrência de tanta violência na cidade do Rio de Janeiro. A ausência do Estado dentro das favelas intensifica a guerra civil e a morte de vários jovens cariocas.

Seguindo esta linha de pensamento, voltamos à discussão do conceito de território, anteriormente iniciado. Entende-se comumente como território, o “território nacional”, no qual o Estado é o gestor por excelência, fazendo pensar em grandes espaços, em sentimentos patrióticos, em governo, em dominação, em “defesa do território pátrio”, bem como em guerras. Não é equivocado pensar território dessa maneira, em escala

nacional e associar o Estado como grande gestor. No entanto, Souza José afirma em seu livro que o território não precisa e nem deve ser reduzido a essa escala ou à associação com a figura de Estado. Ele diz que: “Territórios existem e são construídos (e desconstruídos) nas mais diversas escalas, da mais acanhada (p ex., uma rua) à internacional (p. ex., a área formada pelo conjunto dos territórios dos países-membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte – OTAN)”.

Um exemplo claro de territorialidade, é justamente a do narcotráfico no Rio de Janeiro. Souza, explica o caso do tráfico como sendo territórios-enclaves, cujas fronteiras geográficas são inteiramente dentro dos limites de outro território. Neste sentido, são disseminados pelo tecido urbano, com territórios amigos (pertencentes à mesma organização ou ao mesmo comando – caso do Rio de Janeiro, Comando Vermelho, Terceiro Comando, Amigos dos Amigos e, ainda, bandos independentes) separados pelo “asfalto”, gíria usual carioca, que define as “áreas neutras” da cidade (SOUZA, 1994<sup>a</sup>).

No entanto, é possível observar que não necessariamente são “áreas neutras” que estão entre territórios amigos, mas também pode haver territórios de outra facção entre favelas “amigas”, ou seja, organizada pelo mesmo comando. Isto acarreta guerras entre facções que disputam para ter o melhor ponto de venda e também para unir seus territórios, criando assim um “império” na economia das drogas na cidade.

Com isto vemos que, as favelas estão próximas espacialmente do “asfalto”, porém estão distantes socialmente. Este fato teve origem na Reforma Urbana que houve no Rio de Janeiro sob a gestão de Pereira Passos, onde obras públicas e a manutenção da política higienista contra os cortiços estimularam a crise habitacional e provocaram uma redistribuição da população no espaço urbano. A dependência das zonas centrais, que detinham a maioria dos estabelecimentos comerciais e indústrias, reforçou consideravelmente o processo de expansão das favelas nessa região durante as primeiras décadas do século XX.

As favelas, no entanto, tornaram-se definitivamente parte da paisagem urbana carioca. Desde o início do século XX, até os dias atuais, vemos que esses espaços estão sendo cada vez mais consolidados na cidade. Entretanto, desde o princípio, esta expansão foi objeto de séria oposição por partes das elites cariocas e também pelo Estado. Este crescimento das favelas nunca foi bem visto, pois essas sempre foram representadas

como epicentros de marginalidade urbana. Essas áreas, por não contar com políticas públicas de habitação popular foram gradualmente sendo postas como o maior problema urbano da cidade.

Estas ações colaboraram para a ausência de políticas públicas para as favelas cariocas. Assim criando, espaços de exclusão daquela população que não gozava dos mesmos direitos dos demais cidadãos. Na época, não houve propostas de integração social. Tendo em vista a falta de habitações, as favelas se tornaram um “mal” necessário, porém isso não significou a consolidação desses espaços no tecido urbano.

Com efeito, política pública relativa às favelas durante o século XX houve sempre a ambição de impor um controle social sobre os favelados, limitando o poder político e de opinião dessa parcela da sociedade. Com isso, a expansão das favelas se deu de forma desordenada e em desacordo com a legislação urbanística da cidade, criando um grande preconceito por parte da população com esses espaços, também com as pessoas que lá residiam.

Ao falar sobre a inserção de jovens no narcotráfico na cidade do Rio de Janeiro, é imprescindível que seja discutida a questão do racismo que está presente neste problema social. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apesar dos negros serem maioria no Brasil (53,6%), negros e negras são 76% dos 10% mais pobres. A persistência da desigualdade social no acesso às políticas públicas causa um abismo entre brancos e negros no país. Uma vez que a população negra é a que apresenta menos escolaridade, taxas de analfabetismo duas vezes superior ao registrado entre o restante dos habitantes, sendo a mais afetada pelo desemprego, com os menores salários e o menor acesso ao sistema público de saúde e a que morrendo mais cedo. Observa-se, que a desigualdade é absurda e sufoca cada vez mais a maioria dos brasileiros.

A pesquisa Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça, feita pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), mostra que apesar de reconhecer que nos últimos 15 anos houve uma melhoria nas condições de habitação no Brasil, ainda é perceptível a diferença entre negros e brancos, especialmente no que diz respeito aos domicílios localizados em assentamentos subnormais - favelas e assemelhados. Isto mostra que, a desigualdade tem cor, e a cor é preta.

Neste contexto, a completa ausência de serviços públicos dentro da favela gerou

diferentes problemas sociais e tornou a favela o principal problema urbano do Rio de Janeiro. De acordo com vários autores do início do século XX, o poder público era incapaz de impor sua influência nesses espaços, assim abrindo as portas para a violência, posteriormente para o narcotráfico.

## **CAPÍTULO II – NOTAS METODOLÓGICAS**

Como forma de aproximação ao tema de pesquisa foram analisados inicialmente, os documentários – “Notícias de uma guerra particular” (SALLES e LUND, 1999) e, “Falcões – meninos do tráfico” (MV BILL e ATHAYDE, 2006). Objetivou-se compreender de forma mais profunda, por meio das referidas produções audiovisuais, as diferentes perspectivas acerca do contexto da violência armada no Rio de Janeiro, assim como as motivações de jovens favelizados para buscar inserção no narcotráfico.

Enquanto uma pesquisa social, a presente monografia consiste em um estudo exploratório que adotou a abordagem qualitativa por meio das seguintes estratégias metodológicas: levantamento bibliográfico nas bases de dados Lilacs, Scielo e Google Acadêmico sobre a temática da inserção de jovens do sexo masculino residentes em favelas onde há presença do narcotráfico; estudo de caso tendo como lócus, o Território de Manguinhos (RJ); realização e análise de dados e informações obtidas a partir de 4 (quatro) entrevistas semiestruturadas com educandos da Educação de Jovens e Adultos do Território de Manguinhos (EJA Manguinhos), vinculada à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio.

A respeito da abordagem qualitativa na pesquisa social, Minayo afirma que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (1994, p.21-22).

Vale ressaltar, que o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da EPSJV-Fiocruz, obtendo a devida aprovação para a realização do estudo. Além disto, houve uma mudança de foco no estudo, o que de certo modo,

descaracterizou a questão-norteadora: *“Por que jovens com dificuldades similares relativas à falta de oportunidades e desestruturação familiar seguem rumos diferentes na vida?”*. A preocupação maior nesse caso passou a ser como se dá o papel do Estado, no que diz respeito à segurança pública e, mais particularmente, na chamada “política de guerra às drogas”.

A ideia de realizar um trabalho de campo exploratório envolvendo inicialmente, entrevistas semiestruturadas com jovens residentes do Território de Manguinhos (RJ) e um grupo focal com 10 (dez) estudantes da EPSJV do sexo masculino do regular e da EJA, desde o princípio gerou bastante expectativa, pois ajudaria a compor o presente trabalho com perspectivas diferentes e próximas à realidade da questão discutida.

Pretendeu-se, portanto, tratar da temática da inserção de jovens do sexo masculino residentes em favelas no narcotráfico. No tocante à escolha do estudo de caso, Goldenberg postula que:

O estudo de caso não é uma técnica específica, mas uma análise holística, a mais completa possível, que considera a unidade social estudada como um todo, seja um indivíduo, uma família, uma instituição ou uma comunidade, com o objetivo de compreendê-los em seus próprios termos. O estudo de caso reúne o maior número de informações detalhadas, por meio de diferentes técnicas de pesquisa, com o objetivo de apreender a totalidade de uma situação e descrever a complexidade de um caso concreto. Através de um mergulho profundo e exaustivo em um objeto delimitado, o estudo de caso possibilita a penetração na realidade social, não conseguida pela análise estatística (1998, p.33-34).

No entanto, o desenho metodológico foi alterado para tornar o estudo exploratório factível, Por conta de não haver tempo hábil para fazer um trabalho mais extenso, não sendo possível, portanto, a realização do grupo focal como previsto no projeto de pesquisa. Sendo assim, foram feitas entrevistas semiestruturadas com 4 (quatro) jovens com idade entre 18 e 24 anos, residentes no Território de Manguinhos e, estudantes da EJA Manguinhos, as quais foram analisadas, tendo em vista possíveis contribuições do trabalho. A opção por pesquisar jovens do sexo masculino se deve ao fato de que proporcionalmente há maior envolvimento deste gênero, do que o feminino com o

narcotráfico.

As entrevistas foram realizadas de forma bastante prática e informal, de uma maneira em que os entrevistados se sentiram muito à vontade para expressar suas opiniões sobre o tema. Infelizmente, foi possível a realização das entrevistas com apenas 4 (quatro) pessoas, ao invés de 5 (cinco), e também nenhuma delas foi da Rede CCAP. Além disso, foi entrevistado um estudante morador do Território do Complexo da Maré, mas por esta mesma razão, sua entrevista não foi incluída na análise.

Contudo, o diálogo com os jovens residentes de Manguinhos nas entrevistas supriu as expectativas e enriqueceu muito o trabalho de uma forma geral, pois mostrou a realidade dessas pessoas que convivem diariamente com a questão discutida.

### **CAPÍTULO III – ANÁLISE DAS ENTREVISTAS**

A fim de facilitar a visualização das falas dos entrevistados obtidas durante o trabalho de campo foram criados 7 (sete) quadros com as questões e respectivas respostas dos participantes da pesquisa, o que será apresentado abaixo. A análise das entrevistas está disposta logo após o último quadro.

<b>. Questão 1: Como é vista a questão da criminalidade pelas pessoas em geral?</b>
E1: “De forma bastante cruel, falam que o crime só traz destruição das pessoas por causa das drogas.”
E2: “Como se fosse a pior coisa do mundo, em relação a quem vive dentro da favela a visão é diferente, que na verdade é como se eles estivessem ajudando as pessoas de dentro da favela.”
E3: “Elas veem como se todo mundo da favela fizesse parte, ninguém é trabalhador, ninguém faz outra coisa, só trafica ou é bandido.”
E4: “A visão principalmente com os negros, com os favelados já tem o estereótipo pronto, já uma maquete completa do que qual direção é aquilo dali.”

<b>. Questão 2: Os conflitos armados poderiam deixar de existir em territórios de favela?</b>
E1: “Poderiam, se não houvesse o tráfico de drogas.”
E2: “Deixariam de existir se a polícia deixasse de vender arma para os bandidos.”
E3: “Poder até poderia, mas seria bem difícil, ainda que têm essas outras favelas, tem ADA, TCP, CV, aí tem a milícia. Aí, ficaria meio difícil de parar.”
E4: “Devem.”

<b>. Questão 3: Como o Estado deveria atuar para enfrentar efetivamente a questão do narcotráfico, sem alimentar o confronto armado?</b>
E1: Eles falam que agem com inteligência, eles falam que estudam as casas das pessoas, do indivíduo, mas só que não é isso que eles fazem. Chegam na hora é outra “parada”, chegam já “tacando o foda-se” na comunidade.

Pra mim, eles tinham que alertar as escolas como eles estão fazendo agora depois de vários anos, e os trabalhadores. Só que é muito difícil avisar os trabalhadores, mas as crianças que eles avisam. Aí, sempre prejudicam os trabalhadores.
E2: Muito difícil, muito tempo antes tem isso, então não sei o jeito certo, conversa eles não iam aceitar.
E3: Mais infraestrutura, mais escola, mais estudo. Tipo, dar uma chance para as pessoas poderem se colocar na sociedade.
E4: Cara, eu acho que é a Educação.

<b>. Questão 4: Na sua opinião, a atuação da polícia militar no território de Manguinhos é eficiente?</b>
E1: Não é nada, é o contrário. Pra mim eles pioram, eles pegam certos moradores e “esculacham”. Também tem bandido que se rende, eles “vai e mata”.
E2: Não. Porque não acaba com o tráfico. Não acaba com nada, continua a mesma coisa, só vem trocam tiro, prendem um ou outro e continua a mesma coisa. Eles querem eliminar o máximo possível de armamento e drogas dessas pessoas, é o meu ponto de vista.
E3: Né não, serve pra nada cara. Só serve pra “esculachar” morador, e eles só ficam lá no canto deles.
E4: Não acho, acho prejudicial.

<b>. Questão 5: A polícia militar com sua atuação no território de favelas estimularia a entrada no narcotráfico?</b>
E1: Muitos fazem isso, no caso que como se fala, eu tava falando agora, baleou uma pessoa, a polícia não baleia como eles falam na televisão, eles dão para matar. Pode ser qualquer pessoa, sua mãe, seu tio, seu irmão. Tem vários jovens que entrou por causa disso aí, que perdeu família e os caras ficaram “revoltados”, aí quando for ver já estão “envolvidão”.
E2: Acho que não, a pessoa entra por livre e espontânea vontade. Ninguém estimula ninguém a fazer nada, não é porque um cara vai entrar na favela e “ah tô revoltado e vou entrar, porque a polícia fez isso e isso”. Tá revoltado porque sei lá, ué? Deu na cabeça dele querer entrar pra aquilo. É uma desculpa para ele poder entrar ali, a culpa é da polícia, da política...
E3: Estimula, porque eles matam inocente e os jovens, e vamos supor que os moleques falam estão cheios de ódio e entram para a “boca”, aí continua nessa vida e acontece a mesma coisa, só tem dois caminhos, a morte ou ir preso, então não vale a pena.
E4: Creio que não, acho que não.

<b>. Questão 6: Como o narcotráfico consegue atrair jovens em território de favela?</b>
E1: Eu acho que é porque tem muita ostentação moto, carro, pistola, fuzil, maconha, mulher, isso tudo né... As garotas novas vindo da escola quer parar com um motão e de pistola na cintura, achando que é o “cara da favela”, mas não é o “cara”. É ostentar mesmo, pegar o dinheiro e desfolhar, “dar tiro” na polícia, coisa que não tem nada a ver, quando mata um polícia é como um troféu. De vez em quando não tem muita oportunidade, igual agora com o Rio em crise, e com corte de muitas verbas. Colega que eu não imaginava, de estar na boca [de fumo] hoje em dia, tá! Trabalhava, estudava, fazia curso, hoje em dia está na boca aí! Por causa desses negócios, é difícil “mano”, hoje em dia é difícil de trabalhar de carteira assinada, tá “brabo”, tá “osso”. Muitos têm vergonha de vender água, amendoim... Pra mim não é, não é maneiro não “pô”, o dinheiro vem com facilidade, mas vai com facilidade, é diferente do dinheiro suado do dinheiro do tráfico. O bagulho é “osso”, “tu’ fica na boca de fumo pra arrumar um “galo”. Você arrisca sua vida a troco de nada, aí você come, bebe, tem os “menô” que também fuma e aí é “ossada”.
E2: Dinheiro fácil, ouro, mulher, carro, moto.
E3: Dinheiro, mulher, ouro, poder, fazer você ser reconhecido é o que os moleques mais gostam.

E4: Eu acho que o financeiro conta muito. Eu acho que por falta de oportunidades de trabalho e não ter uma base psicológica, não ter uma estrutura familiar, a partir disso começa a atrair e é um caminho sem volta, é bem raro alguém conseguir sair.

**. Questão 7: Na sua opinião, quais são as motivações dos jovens do sexo masculino a entrar no narcotráfico?**

E1: Homem é mais fácil, é tudo isso. Montão entra mais por causa de mulher mesmo. Tem “menó” que entra com 11, 12 anos os caras começam cedo até 10, 9 anos. O trabalhador tem uma moto, “tá” tranquilo, mas ele não tem uma arma na cintura, o bandido tem. Aí, o bandido já faz “vários bagulho” de aventura, vai pra pista, roubar, conta história e vai ficando com nome na comunidade, que o trabalhador já não fica. É mais a moto mesmo e a arma que seduz as meninas, elas enchem a boca pra falar que saem com bandido. E se defendem de algumas situações com essa posição. Exemplo: o dono da favela não é igual o governador, o dono da favela falou e “vapor”. No meu ponto de vista [elas] buscam proteção sim, mas é muito mais ostentação [para os meninos]. Tipo assim, se ele estiver portando um fuzil, ele é o “cara da favela”. A hierarquia você começa de “vapor”, tem que ser “raça”, “raça” é o menor bom, mais sagaz. Depois de um tempo, “tu” vai subindo, tem a questão de ser “brabo”, exemplo: meter bala na polícia. Se você matar um polícia dependendo da situação da favela, e o cara se amarra na tua já sobe como gerente, aí depois “tu” pula pra gerente geral quando for ver já “tá” de frente na comunidade. Depois é capaz de virar até o dono.

E2: É ostentar hoje em dia, querer mostrar o que tem cordão de ouro, carro, moto, andar armado, achar que tá sendo uma coisa legal para ele, mas ao mesmo tempo não tá sendo legal pra ele.

E3: Dinheiro, mulher, ouro, poder, fazer você ser reconhecido é o que os moleques mais gostam. É isso, dinheiro, mulher e jóias... É um dinheiro que eles acham que é fácil. Nêgo não entra nem mais por causa de dinheiro, é mais pelo poder, portar arma. As pessoas acham normal, ninguém vai falar que tá errado, as pessoas passam direto. Admiração não tem não, algumas respeitam e outras têm medo. Mulher sim, achando que o cara vai dar o mundo pra ela.

E4: Acho que o poder, principalmente no território, o poder masculino hétero principalmente, mulheres, aquela coisa do baile, e moto, arma, eu acho que traz certo poder, na verdade não é. É uma fraqueza gigantesca. Tenho primos, pessoas próximas [envolvidos no narcotráfico]. Eu fui criado de uma forma diferente, sempre tive mais acesso a algumas coisas que eles não tiveram, por exemplo, de ir ao teatro, ir ao cinema, tenho um primo que nunca foi ao cinema, foi depois de grande só. Eu acho que conta sim, eu tive uma criação diferente. É relativa [interferência da família e amigos], porque tem gente que teve uma criação excelente e foram para esse caminho. Distúrbio não é, eu não sei o que leva. A gente tem uma noção próxima, que a maior parte das vezes é a questão do dinheiro, do vício também. Maior parte já é usuário. Isso acaba se tornando o mundo para eles.

É possível perceber a total indignação dos entrevistados com a atuação do Estado no Território de Manguinhos. Neste sentido, foi possível perceber a realidade dessas pessoas que convivem diariamente com a falta de políticas públicas e a com a ineficiência do modo de atuação da polícia militar no Rio de Janeiro.

Quando foi perguntado sobre a efetividade da ação do Estado no território de Manguinhos, as questões apontaram unanimemente para uma única resposta: não. Uma vez que todos os entrevistados concordam que a atuação do Estado dentro de sua comunidade não “serve pra nada”, é possível afirmar que há algo de errado em relação a isto.

Na pergunta sobre como é vista a criminalidade por eles, foi possível observar a

questão do preconceito com aqueles que vêm da favela, nas falas do entrevistado 3 (E3), é possível perceber como é visto os favelados fora da favela. É uma visão generalizada que todos são “bandidos ou traficantes”, de acordo com ele.

Isto reflete a discriminação com o “povo esquecido”, que é um ponto chave a ser discutido e apontado no presente trabalho. Junto ao preconceito, a presença do racismo na sociedade também é apontada, o entrevistado 4 (E4) fala que a visão de criminalidade está associada principalmente a negros, para os quais já um estereótipo preestabelecido. Já o entrevistado 2 (E2), mostra uma visão diferente onde aponta que a criminalidade muitas vezes é vista como uma ajuda aos que moram na favela.

Sobre a questão dos conflitos armados, destaca-se a resposta do E2, na qual o entrevistado fala sobre a corrupção da corporação da PM. Ele afirma que os policiais vendem armas para os bandidos e, por isso, ocorre o confronto armado. Em todas as respostas sobre essa questão percebemos um forte desejo que os conflitos armados cessem, por motivos óbvios.

Uma questão muito importante nestas entrevistas foi a relativa à opinião acerca da necessidade de haver uma atuação efetiva do Estado para evitar o narcotráfico dentro destes territórios. Os entrevistados 3 e 4 destacaram a educação como a forma mais efetiva para diminuir os problemas ligados ao narcotráfico.

Continuando, nas questões onde era perguntado sobre os motivos principais de atração do narcotráfico pelos jovens, os entrevistados E1, E2 e E3 tiveram respostas semelhantes. O dinheiro, mulheres, ouro, poder e etc. foram os que mais apareceram. E esta visão pode ser compreendida, a partir da entrevista do E4, onde este fala que a falta de oportunidades de trabalho gera essa atração pelo narcotráfico e tudo que o cerca. Além disso, destaca-se na fala do E1, as idades em que os jovens se inserem nesse mundo do crime, de acordo com ele, crianças de 11, 12 anos que sem incentivo escolar acabam sendo atraídos por situações utópicas.

Outra questão relevante a ser discutida é a da fala do E4 quando perguntado sobre as motivações de jovens do sexo masculino. De acordo com o entrevistado, o poder masculino hétero sexual é uma das principais motivações, pois eles foram criados em um mundo machista que induz a uma pressão de serem “homens de verdade”, assim tendo muitas mulheres em sua volta.

Ele diz que conhece pessoas muito próximas que se envolveram no narcotráfico, e também que por ter sido criado de uma forma diferente dos demais, não seguiu o mesmo caminho. Forma essa que está ligada a uma estruturação familiar e formas de criação.

Sobre o estímulo da Polícia Militar com sua atuação, a entrada no narcotráfico desses jovens, destacam-se as respostas dos entrevistados 2 e 4 que contraria as outras respostas. De acordo com eles a má atuação do Estado nestes territórios não interfere nas escolhas dos jovens. Entretanto, os entrevistados 1 e 3 concordam que a má atuação estimula bastante, pois os jovens acabam ficando “revoltados” com a forma que o Estado entra na favela.

Com isso, é possível afirmar que, o trabalho de campo exploratório foi de grande valia para compor o presente trabalho, pois mostra as diferentes visões das pessoas que vivem a realidade do narcotráfico e como este estudo se aproxima da realidade social de territórios favelizados e periféricos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Entende-se, portanto, que a presente pesquisa poderá contribuir de algumas formas para a compreensão das motivações da inserção dos jovens do sexo masculino no narcotráfico, no território de Manguinhos (RJ), pois a partir das questões discutidas o leitor poderá pensar mais sobre o assunto e perceber que a realidade das periferias cariocas é diferente do que pensa o senso comum.

O autor busca no trabalho que, assim como ele o leitor mude sua concepção sobre as questões de violência, em particular da inserção de jovens residentes em favela no narcotráfico. Mudança esta que se deu no autor a partir da formação politécnica, educação que infelizmente nem todos tem acesso. Objetiva-se que a compreensão a cerca do tema discutido seja de fato mais discutida e combatida.

Ademais, cabe destacar a relevância desse trabalho para o meio acadêmico, para sociedade e para o próprio autor. Discutir temas sociais e pensar nas pessoas que foram esquecidas pelo governo é primordial para que continuemos em sociedade, e o presente trabalho mostra que os “favelados” também merecem chances e oportunidades como qualquer outra pessoa.

O racismo presente na sociedade deve ser enfrentado de forma bastante séria, pois afeta a vida de milhões de pessoas e a maioria delas estão dentro de territórios como Manguinhos. Além disso, destaca-se o crescimento pessoal, acadêmico e profissional do autor, pois antes da formação politécnica a concepção do autor acerca dessa questão era semelhante à do senso comum: ***“Bandido bom é bandido bom é bandido morto!”***, e com os estudos e pesquisa feitos no trabalho, esta percepção de mundo mudou de forma acentuada.

E é justamente isso que o autor espera desse trabalho, que a percepção acerca desse tema mude quando for lido. De fato, jovens no mundo do crime é uma discussão imprescindível na sociedade, pois afeta toda uma sociedade que sofre com a violência causada por isso.

A partir da abordagem qualitativa, que utilizou estratégias de pesquisa como a revisão literária sobre a temática da inserção dos jovens no narcotráfico, e também entrevistas semiestruturadas com jovens residentes do Território de Manguinhos (RJ), foi possível obter alguns resultados e conclusões sobre a temática discutida no trabalho. A pesquisa aponta para as consequências da inexistência/ineficiência de políticas públicas em territórios favelizados. O maior problema a ser enfrentado é a forma que o Estado lida com as pessoas que residem em favelas.

Com as entrevistas com os jovens residentes de Manguinhos, foi possível analisar que a falta de educação de qualidade e de oportunidades causa um deslumbre por parte dos jovens, em outros objetivos como obter poder, dinheiro e mulheres a sua volta. Todos os entrevistados concordaram que a forma de atuação da polícia militar no território apenas prejudica ainda mais esse cenário, pois como eles próprios disseram a PM é um inimigo para todos eles.

A experiência de entrevistar pessoas foi de fato extraordinária para o autor, e também colaborou para confirmar o que foi discutido no desenvolvimento do trabalho. As raízes oriundas do descaso do poder público com as favelas é o principal motivo para que a violência na cidade do Rio de Janeiro seja tão grande, pois nunca foi dada uma moradia digna e oportunidades reais para pessoas de dentro desses territórios.

Uma vez que o jovem é criado de uma forma onde drogas e violências estão escancaradas é difícil ter outra opção de vida, se não ao da do narcotráfico.

Por fim, foi possível atingir o objetivo inicial, que foi compreender as razões motivadoras da inserção dos jovens do sexo masculino no narcotráfico.

Conclui-se que a ausência/ineficiência de políticas públicas é de certa medida, o principal motivo que levam jovens a se inserirem nesse mundo.

## 7. Referências

AMADO, G.; SERRA, P. Polícia Militar do Rio é a mais corrupta do país, mostra pesquisa. Disponível em <<https://extra.globo.com/casos-de-policia/policia-militar-do-rio-a-mais-corrupta-do-pais-mostra-pesquisa-8044394.html>> Acesso em: out. 2019.

ARENDT, Hannah (1985/1969). Da violência. Brasília, Editora da Universidade de Brasília.

CASTRO, J. Jacarezinho e Manguinhos estão entre os piores IDHs do Rio: Comunidades ocupadas neste domingo têm índices de renda e coleta de lixo precários. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/jacarezinho-manguinhos-estao-entre-os-piores-idhs-do-rio-6394982>>. Acesso em: dez. 2017.

CENSO DEMOGRÁFICO 2000. Características da população e dos domicílios: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Acesso em: mar. 2019.

FALCÕES – Meninos do Tráfico. Direção: MV Bill e Celso Athayde. Rio de Janeiro: Central Única de Favelas, 2006. 1 DVD (58 min.).

FEFFERMANN, M. Reflexões sobre os jovens inseridos no tráfico de drogas: uma malha que os enreda. *Sau. & Transf. Soc.*, Florianópolis, v.4, n.2, 2013, p.55-65.

MINAYO, M. C. de S. et al. Fala galera – Juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Garamond, 1998.

NOTÍCIAS DE UMA GUERRA PARTICULAR. Direção: João Moreira Salles e Kátia Lund. Rio de Janeiro: Bretz Filmes (RIMO), 1999. 1 DVD (57 min.).

OLIVEIRA, F. M. C. de. Dinâmica Global e Dinâmica Local: Tensões e Contradições. In: *O Clássico e o Novo: tendências, objetos e abordagens em Ciências Sociais e Saúde*. GOLDENBERG, P.; MARSIGLIA, R. M. G.; GOMES, M. H. de A. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003, pp. 47-55.

RAMOS, S. Trajetórias no tráfico: jovens e violência armada em favelas cariocas. *Trivium Estudos Interdisciplinares – Direitos Humanos*, ano 3, n. 2, 2º semestre de 2011, pp. 41-57.

ROCHA, V.; FILHO, D. S. e S. Quem pacifica o “pacificador” e quem tem medo o “caveirão”? As representações da violência segundo jovens da favela no Rio de Janeiro. In: CARNEIRO, S. de Sá; SANT’ANNA, M. J. G. (orgs.). Cidades: olhares e trajetórias. Rio de Janeiro, 2009, p. 455-474.

SOUZA, E. R. de; ASSIS, S. G. de; SILVA, C.M.F.P. de. Violência no município do Rio de Janeiro: áreas de risco e tendência da mortalidade entre adolescentes de dez a 19 anos. Revista Panam Salud Publica, vol. 1(5), 1997, p. 388-398.

MALUSCHKE, G. Match/Machttheorien. In: Dieter Nohlen (org.), Wörterbuch Staat und Politik. Bonn, Bundeszentrale für politische Bildung, 1992.

SOUZA, M. J. L. de. O bairro contemporâneo: ensaio de abordagem política. Revista Brasileira de Geografia, 51(2), 1989.

\_\_\_\_\_. (1994<sup>a</sup>). O narcotráfico no Rio de Janeiro, sua territorialidade e dialética entre “ordem e “desordem”. No prelo.

## ANEXOS

### **ANEXO 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Entrevistas com Educandos da EJA Manguinhos (EPSJV – FIOCRUZ)**

Você está sendo convidado para participar de uma entrevista relativa à pesquisa: **“A INSERÇÃO DE JOVENS DO SEXO MASCULINO RESIDENTES EM FAVELAS NO NARCOTRÁFICO: um estudo de caso no Território de Manguinhos (RJ)”**. Você foi selecionado por ser um educando da Educação de Jovens e Adultos do Território de Manguinhos (EJA Manguinhos) da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio e sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo a sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

Essa pesquisa tem como objetivo contribuir para o aperfeiçoamento de estratégias governamentais de enfrentamento da violência armada; e, compreender as diferentes perspectivas sobre o narcotráfico – da polícia, da população e de jovens envolvidos.

Sua participação neste grupo focal consistirá em conceder uma entrevista, por cerca de quinze minutos, a qual será gravada para posterior transcrição visando facilitar o processamento do material. Entretanto, você pode solicitar ao pesquisador que interrompa a gravação a qualquer momento durante a realização da entrevista. As informações obtidas através dessa pesquisa são confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação. Por meio deste, solicitamos também sua autorização para gravação em áudio da entrevista para coleta de dados.

Dessa forma, os dados aqui coletados poderão ser publicados/divulgados sem revelar, todavia, a identidade de seus participantes. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, a qualquer momento.

Pesquisador responsável: Marcello de Moura Coutinho.  
Endereço: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV), sala 301.  
Fundação Oswaldo Cruz.  
Av. Brasil 4.365, Manguinhos, Rio de Janeiro – RJ.  
CEP 21.040-900.  
Telefone: (21) 98276-9569. E-mail: marcello.coutinho@fiocruz.br

Comitê de Ética em Pesquisa da EPSJV/Fiocruz  
Endereço: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV) – sala 317  
Fundação Oswaldo Cruz  
Av. Brasil 4.365, Manguinhos, Rio de Janeiro - RJ  
CEP 21040-900.  
Telefone: (21) 3865-9710. E-mail: cep@epsjv.fiocruz.br

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

Nome: \_\_\_\_\_.

**Anexo 2 – Roteiro de Entrevista Semiestruturada para Educandos da EJA Manguinhos (EPSJV – FIOCRUZ)**

- 1) Como é vista a questão da criminalidade pelas pessoas em geral?**
- 2) Os conflitos armados poderiam deixar de existir em territórios de favela?**
- 3) Como o Estado deveria atuar para enfrentar efetivamente a questão do narcotráfico, sem alimentar o confronto armado?**
- 4) Na sua opinião, a atuação da polícia militar no território de Manguinhos é eficiente?**
- 5) A polícia militar com sua atuação no território de favelas estimularia a entrada no narcotráfico?**
- 6) Como o narcotráfico consegue atrair jovens em território de favela?**
- 7) Na sua opinião, quais são as motivações dos jovens do sexo masculino a entrar no narcotráfico?**